



TRANSEXUALIDADE E ENSINO: A VISÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Naomi Neri Santana (PIC/CNPq/Uem), Eliane Rose Maio (Orientadora), e-mail: naomi.neri93@gmail.com e elianerosemaio@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Maringá/ Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte/ Maringá, PR.

Ciências Humanas: Ensino-Aprendizagem

Palavras-chave: Educação, Formação docente, Transexualidade

Resumo:

“Prof, por que não tem travesti na escola?” Inspirado/a por esta questão o presente trabalho tem por objetivo investigar as concepções de um grupo de docentes sobre o que é transexualidade. Foram entrevistados/as 12 (doze) professores/as do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos, da rede pública e particular do município de Maringá, Paraná. Os/As profissionais em questão lecionam as disciplinas de Ciências e Biologia. A coleta de dados foi realizada por meio de questionários semi-estruturados contendo 7 (sete) questões abertas sobre a temática. Os resultados refletem que a discussão e entendimento sobre o tema das pessoas que ensinam é tão suficiente quanto dos/as que aprendem, insatisfatório. Os/As docentes não diferenciam identidade de gênero de orientação sexual e outros/as ainda entendem que uma pessoa trans apresenta-se como uma modificação dentro de um padrão biológico de gênero (macho/fêmea). Para outros/as, a pessoa pode ser identificada como transexual quando se apropria de símbolos associados ao gênero ao qual se identifica (vestimenta, acessórios, comportamentos). Sob tais termos os/as profissionais não identificam as questões referentes às identidades de gênero, por via desta não conversam sobre o tema na condição de educadores/as, logo não participam do processo emancipatório da diversidade sexual.

Introdução

Frente a um momento de modernidade, e suas fragmentações, o surgimento de instituições sociais (família, escola, religião, bairro) faz-se evidente, de modo que estas constroem e exercem sobre os indivíduos relações de poder. Entre tais instituições de poder, a escola atua no processo de socialização do indivíduo, bem como na normatização de corpos, mentes, espaços, tempos e saberes, de modo que se



estabelecessem padrões, naturalizações do não natural, a vigília e a punição dos 'desviados' (SILVA, CARVALHÃES, 2010). Sob tal aspecto é perceptível compreender o ambiente educacional não apenas como uma instituição social, mas também como uma reprodução da sociedade, a qual carrega consigo suas normatizações, vivências, sentimentos e violências: *“A escola é um pequeno recorte da sociedade, os sentimentos das pessoas intensificam-se pois elas estão em um ambiente de confinamento”* (Sujeito 7).

Entretanto entre redes de informação e relação de poder, as identidades modernas, naturalizadas, concretas, solidificadas e homogêneas passam a se fragmentar sendo o âmbito escolar o ambiente ideal para a problematização e desconstrução de estigmas frente às sexualidades invisibilizadas e a possível emancipação destas. Frente a tais invisibilidades, a realidade trans¹ está dentre as menos visíveis.

As discussões frente ao que é uma pessoa trans permeiam, ou melhor, transitam sob distintas definições. Vencato (2003) ressalta que o/a transexual nasce com um sexo anatômico/morfológico, mas se sente pertencente de outro. Stoller (1982 *apud* VENCATO, 2003) conceitua a transexualidade como uma desordem, na qual a pessoa de determinado sexo biológico reprodutivo, deseja trocar de sexo². Para Bento (2008) a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero.

Frente às discussões a fim de visibilizar, a responsabilidade sob o falar de sexualidades cai sob a escola, mais especificamente sob professores de ciências (BORDINI, 2009), sob tal momento surge a dificuldade de se falar do que não se visibiliza. Os espaços a serem ocupados construídos histórico-socialmente para machos e fêmeas, excluem aqueles/as que transitam entre os gêneros, desde seu nome e relações ao uso do banheiro para necessidades fisiológicas (CRUZ, 2008).

Metodologia

O trabalho foi realizado com professores da rede pública e particular, onde foram entrevistados docentes ministrantes das disciplinas de ciências e Biologia, no ensino regular e EJA³. As entrevistas foram realizadas após aprovação do Comitê de Ética com Pesquisa com Seres Humanos (COPEP), da UEM. A escolha dos/as professores/as foi dada de maneira randômica e por meio de voluntariado dos/as mesmos/as. Os dados

¹ Sob tal termo consideramos: Travestis, transexuais, trans homens, transgêneros.

² Neste momento sexo foi utilizado como sinônimo para sexo reprodutivo biológico, ou morfo-anatômico.



coletados foram padrão em todas as entrevistas semiestruturadas e registrados em questionário (MINAYO, 2007). Foram analisadas desde a visão, conhecimento e como é trabalhado a temática pelos/as docentes.

Resultados e Discussão

Durante a pesquisa foram entrevistados 12 professores/as. Entende-se por resultados a informação pertinente aos dados coletados e analisados, abrangendo estudos de caso. Destes/as todos/as se identificaram como cisgêneros/as⁴, heterossexuais. Sendo oito entrevistados/as do gênero feminino e quatro do masculino. Apenas três relataram não ter formação em educação sexual.

Os/As profissionais da educação entrevistados/as relacionavam a transexualidade com modificações dentro de padrões relacionados a sexo (n=5), mas não se deixava de lado a relação comportamental e fisiológica (n=5) e a confusão deste fator com a orientação sexual homossexual (n=2). Apesar de já terem uma formação em educação sexual, os/as mesmos/as relacionavam tais informações à vivência/observação(n=4).

As causas nas respostas dos/as entrevistados/as encontravam-se relacionadas a uma construção social/psicológica (n=6), bem como a um determinismo biológico (n=3), sendo que apenas uma pessoa considerou ter proveniência multifatorial. Quando indagados/as sobre as dificuldades que seriam encontradas por uma pessoa transexual no âmbito escolar, estas proviriam de relações de preconceitos por alunos/as (n=9), professores/as (n=6) sendo relatada por uma professora o “[...] não oferecimento de vagas pela Secretaria a alunas trans*”. Quanto à qualidade do ensino três professoras se posicionaram como não haveria influência, sendo justificado por uma destas “[...] se tem interesse é só estudar em casa”, caracterizando a culpabilização da vítima e desalojamento de um espaço de social, legitimando um discurso dominante, que mantém relações de poder delineadas.

Duas pessoas entrevistadas relataram que já tiveram uma aluna trans, mas não trabalharam tal temática. Entre os/as doze entrevistados/as a temática não foi abordada por “falta de tempo” para trabalhar tal conteúdo. Tal preocupação com o falar sobre sexualidade, provém, segundo Bordini (2009) sobre o empoderamento, em que estas discussões possibilitariam, visto que membros da comunidade LGBTQIA⁵ passariam a requisitar visibilidade e pertencimento social, o que tem sido visto como um problema

³ Educação para Jovens e Adultos - EJA

⁴ Termo utilizado para designar indivíduo/a que se identifica com seu sexo reprodutivo biológico/morfoanatômico.

⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Transexuais/Travestis, *Queers*, Intersexos, Assexuados/as e Aliados/as.



'pelas' escolas, tendo em mente o processo de normatização do indivíduo moderno que estas tem promovido.

Conclusões

Os/As entrevistados/as demonstraram não possuir entendimento sobre o tema, bem como não conseguir visualizar a presença de alunos/as trans no âmbito escolar, salvo indivíduos que já tiveram tal vivência. Esta falta de compreensão, somada à falta de tato, estudo, interesse nos temas transversais geram problematizações genéricas (ou a não ocorrência desta), invisibilizando estas pessoas.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Estadual de Maringá, pela oportunidade de participação no Programa de Iniciação Científica - PIC. Bem como a Prof. Dra. Eliane Maio pela parceria e orientação realizada.

Referências

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BORDINI, S. C. **Discursos Sobre Sexualidade nas escolas de Curitiba**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2009.

CRUZ, E. F. A identidade no banheiro: travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola. **Anais VIII Fazendo gênero**, Florianópolis, 2008. p.1-8.

SILVA, M. L. da; CARVALHAES, F. F. de. Gênero e Sexualidade: o que a escola tem a ver com isso?. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, 2010. p.32-42.

VENCATO, A. P. Confusões e estereótipos: O ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, p. 189-2012, 2003.